

EDUARDO RODRIGUES PEYON

SOBRE O TRABALHO CONTEMPORÂNEO:

DIÁLOGOS ENTRE A PSICANÁLISE E A
PSICODINÂMICA DO TRABALHO

2019

Blucher

Sobre o Trabalho Contemporâneo: Diálogos entre a Psicanálise e a Psicodinâmica do Trabalho

© 2019 Eduardo Rodrigues Peyon

Editora Edgard Blücher Ltda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Peyon, Eduardo Rodrigues

Sobre o trabalho contemporâneo : diálogos entre
a psicanálise e a psicodinâmica do trabalho / Eduardo
Rodrigues Peyon. -- São Paulo : Blucher, 2018.
336 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-8039-355-2 (e-book)

ISBN 978-85-8039-354-5 (impresso)

Open Access

1. Psicanálise 2. Trabalho - Psicanálise I. Título

18-1822

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

SOBRE O AUTOR

Eduardo Rodrigues Peyon é psicólogo formado pela PUC-Rio, onde cursou em seguida a Especialização em Psicologia Clínica e o Mestrado em Psicologia. Doutorou-se em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida tendo feito um período “sanduíche” de estudos no *Conservatoire National des Arts et Métiers* (CNAM), sob a supervisão de Christophe Dejours. É membro do Instituto Cultural Freud. Já atuou em diferentes áreas como a Psicologia Clínica, a Educação Corporativa e mais recentemente vem atuando no campo da Saúde do Trabalhador. Publicou os livros *Poesia, Psicanálise e a Construção do Conhecimento* (Ed. Escuta, 2011) e *De-Parar-Se* (Ed. Vermelho Marinho, 2017), este último uma coletânea de suas poesias.

APRESENTAÇÃO

Este livro é um desdobramento da Tese de Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade intitulada *Agir Expressivo, Técnica e Construção de Sentido no Mundo Corporativo*, defendida em Fevereiro de 2018 na Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro. Em relação ao texto da Tese, foram feitos pequenos ajustes, predominantemente formais, e foi excluída a parte da Tese relativa à pesquisa de campo sobre o trabalhar dos docentes em uma Universidade Corporativa. Entendemos que a pesquisa teórica da Tese, escrita como ensaio, se presta bem à publicação em formato de livro. O capítulo da Tese que descreveu a pesquisa de campo e os resultados desta, além de extenso devido ao grande volume de citações de trechos das falas dos entrevistados, adentra um campo muito específico, mais adequado ao formato de artigo científico. O texto, portanto, sofreu pequenos ajustes na conclusão, a qual retoma os pontos mais gerais das considerações finais da Tese, para as quais relevaram os achados da pesquisa de campo, mas que foi acrescida aqui de alguns desdobramentos de nossa reflexão sobre o trabalhar contemporâneo. Àqueles que tiverem interesse na questão do trabalhar como docente, e especificamente na atividade de docência em ambientes corporativos, sugerimos, por hora, a leitura do capítulo da Tese no qual apresentamos a pesquisa de campo.

• AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Ana Maria Rudge, não apenas pela orientação na construção da Tese de Doutorado que resultou neste livro, mas pela parceria de mais de 20 anos, tempo ao longo do qual ela sempre me resgatou para o campo da Psicologia e da Psicanálise após cada um dos meus afastamentos. O profundo conhecimento da metapsicologia freudiana, a clareza das ideias, bem como a confiança que sempre depositou no meu trabalho são essenciais no meu percurso acadêmico-profissional.

Agradeço ao Professor Christophe Dejours que, de um autor fundamental para meu pensamento, intelectual de renome mundial, tornou-se um professor com quem tive conversas inesquecíveis, seja pela argumentação clara com que sempre me transmitiu suas ideias, seja pela simplicidade e bom humor com que me recebeu durante a minha estada em Paris para um período de Doutorado Sanduíche.

Agradeço aos profissionais que apoiaram o desenvolvimento deste trabalho, seja do ponto de vista de sua viabilização prática, seja pela percepção de que eu precisava estudar, pesquisar e produzir conhecimento para além do trabalhar cotidiano na área de Treinamento e Desenvolvimento de uma grande companhia. Nesse sentido, agradeço muito a Marlene Sessa Leste, que acompanhou de perto e incentivou muito este trabalho; a Izabel Cristina Santana, que além do apoio institucional contribuiu para a definição do escopo da pesquisa de campo da tese; a José Alberto Bucheb, que, ao longo do desenvolvimento da tese, sempre ao encontrar-me trazia uma palavra de suporte; a Bruno Fernando Von Montfort e Maria Aparecida Muniz, que estiveram mais próximos no período de finalização da tese e mantiveram o apoio institucional ao trabalho, desdobrado neste livro.

Agradeço aos professores que integraram as Bancas de Qualificação e de Defesa de Tese: Betty Bernardo Fuks, João Batista Ferreira, Jurandir Freire Costa, Hélder Muniz, Perla Klautau e Selma Lancman, cujas críticas ao trabalho seguem causando reflexões e ressignificações. Nem tudo o que me foi dito pôde ser imediatamente incorporado, seja à Tese, seja ao livro, mas certamente está ecoando e causando produção.

Especialmente ao Professor João Batista Ferreira agradeço pelo Prefácio escrito para este livro. Seu reconhecimento do valor deste trabalho é essencial para seguir sustentando um produzir neste campo científico.

Agradeço ao amigo e colega de trabalho, querido Nilson Perissé, com quem trilhei meus primeiros passos no campo da Psicodinâmica do Trabalho e com quem continuo em produtiva e prazerosa interlocução.

Agradeço aos amigos Cíntia Lobato Borges, Ilma Doherty e Pedro Legnani Rosaes que, além das contribuições intelectuais a este livro, estiveram e estão sempre presentes no meu cotidiano, nas discussões sobre o trabalho e o trabalhar, mas também como companheiros de jornada, com muito carinho.

Agradeço ao amigo Paulo César Zambroni, cuja amizade é um dos frutos colhidos em lavoura estrangeira. Além das conversas sobre as clínicas do trabalhar e do seu senso de humor incrível, agradeço pela solidariedade nos dias em que fiquei, mesmo que brevemente, doente em Paris.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa no Seminário de Doutorado das sextas-feiras na Universidade Veiga de Almeida. Trocar ideias com vocês, de forma leve, era para mim um raro momento de tranquilidade em meio à correria cotidiana de trabalhar e simultaneamente fazer um curso de Doutorado.

Agradeço aos jovens pesquisadores que conheci na *Maison du Brésil* na Cidade Universitária de Paris (CIUP) em Paris. Seu entusiasmo e alegria de viver ainda fulguram na minha memória e causam desejo de pesquisar mais, *toujours!* Muito bom saber que temos tantxs brasileirxs jovens e brilhantes dedicados à Ciência!

Agradeço finalmente a meus pais, Lúcia e José Roberto, e a meu irmão Márcio, as forças mais originárias da minha existência, presentes desde sempre no meu mundo e sem as quais eu não seria quem sou.

Fábrica

(Legião Urbana)

Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais
Quero justiça
Quero trabalhar em paz
Não é muito o que lhe peço
Eu quero um trabalho honesto
Em vez de escravidão
Deve haver algum lugar
Onde o mais forte
Não consegue escravizar
Quem não tem chance
De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?
O céu já foi azul, mas agora é cinza
O que era verde aqui já não existe mais
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada de tanto brincar com fogo
Que venha o fogo então
Esse ar deixou minha vista cansada
Nada demais.

PREFÁCIO

A coisa mais importante do mundo

Qual é a coisa mais importante do mundo? Esta foi a pergunta que Clarice Lispector fez para Chico Buarque, numa de suas inesquecíveis entrevistas realizadas para a revista Manchete, no final dos anos 60. Para uma pergunta tão grande, uma resposta imensa. Mas espantosamente direta: *trabalho e amor* – disse o compositor. As ressonâncias com as bem conhecidas palavras de Freud são explícitas – *a capacidade de amar e trabalhar* – com as quais ele indicou o que seria a saúde mental de indivíduos e sociedades.

A entrevista continuou. E a pergunta seguinte foi mais fundo: *qual é a coisa mais importante para você?* A sabedoria intuitiva de Clarice deu forma poética e menos abstrata a uma questão existencial aparentemente simples. Mas tudo se passa como se ela procurasse saber: *o que faz você se sentir mais vivo?* Ou *o que faz sua existência ser mais real?* Haverá questões mais importantes e difíceis? A resposta de Chico: *a liberdade para trabalhar e amar* – não chega a surpreender, dado o momento brasileiro em que a conversa aconteceu. Eram os tempos sombrios da ditadura cívico-militar. E parece nítida a sinalização de que a referida liberdade era mais do que uma mera capacidade de escolher entre opções determinadas. Era a liberdade de poder falar, expressar-se, existir. Era o exercício do direito fundamental de viver. Eram tempos sombrios aqueles... Como são sombrios estes tempos em que vivemos, na medida em que surgem reedições alarmantes do obscurantismo, com as ondas recentes de neoconservadorismo e neofundamentalismos que tomaram corpo em alguns países, como o Brasil.

A liberdade para trabalhar e amar. Não seria esta uma síntese precisa para marcar os modos e condições de existência que dão mais sentido à vida e que são inerentes às formas democráticas de construir a vida em comum? Síntese

que ressalta a importância essencial das relações entre *trabalhar*, *amar* e *viver* e, principalmente, a necessidade das mobilizações e das lutas para fazer valer um exercício ainda mais fundamental - *o direito a ter direitos*, como bem marcou Hannah Arendt.

Mas a espirituosa entrevista ainda continuaria... *O que é o amor?* – prosseguiu a escritora, animada. *Não sei responder. E você?* – retornou ele, cauteloso. *Nem eu* – concluiu ela, sem o menor receio de silenciar diante deste mistério maior. Aqui poderíamos talvez invocar um comentário semelhante de Santo Agostinho, ao ser indagado sobre o que seria *o tempo*: *se me perguntam, não sei, se não me perguntam eu sei* – foi a sábia resposta. O mesmo comentário de Santo Agostinho seria utilizado muitos anos depois por Borges, ao se deparar com outra pergunta igualmente impossível: *o que é a poesia?* Não será difícil recorrer a este belo e elíptico pensamento se precisarmos sinalizar o evanescente contorno das palavras que buscam nomear o *amor*. Não será difícil também recorrer a este pensamento se nos depararmos com as tentativas, sempre no limite do fracasso, de nomear as experiências mais intensas e inomináveis de contato com a vida.

Em outra vertente existencial da viva conversa entre Clarice e Chico, nos encontramos também com uma das coisas mais importantes do mundo, e que tem implicações importantes para o belo ensaio de Eduardo Peyon que você tem agora nas mãos – as relações fundamentais entre *trabalhar* e *viver*. Tais relações não excluem por certo o amor, e são do mesmo modo atravessadas pelos véus enigmáticos e mágicos da produção de sentido. No entanto, do ponto de vista ético e político, esta é uma vertente sobre a qual há sempre muito a dizer. E a fazer. Especialmente diante das precarizações tão acentuadas do mundo do trabalho e dos espaços mais amplos do mundo social, neste tempo sombrio que nos foi dado viver. A leitura deste livro precioso nos mostra que Eduardo tem muito a dizer e a contribuir para estas discussões e para a construção qualificada do pensamento crítico sobre as relações constituintes entre trabalhar e viver.

Por suas mãos, para referenciar este ensaio, se constrói um diálogo fecundo entre a Psicanálise (principalmente Freud e Lacan) e a Psicodinâmica do Trabalho (principalmente Dejours). E se faz também uma rica interlocução com os pensamentos de Hannah Arendt, Giorgio Agamben, Michel Foucault, Boaventura de Sousa Santos, Pierre Dardot, Christian Laval, Ricardo Antunes, Slavoj Žižek, entre outros.

A leitura nos mostra uma cuidadosa investigação que é muito mais do que uma proposição interessante. Ela nos instiga a uma discussão complexa – mas inteiramente necessária, imprescindível – que considere os entrecruzamentos

das dimensões macro e micropolíticas, e as influências das estruturas individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticas, econômicas, históricas na produção das formas de vida e de morte dos trabalhadores contemporâneos. Em outras palavras, cada situação de trabalho é um campo de ressonâncias, tensões e produções das estruturas políticas, sociais e econômicas mais amplas que nela incidem.

Com base nestas composições e nas articulações singulares que propõe, Eduardo vai nos mostrar como o mundo do trabalho contemporâneo está imerso em precarizações que transformam o trabalhar – cada vez mais – em questão de vida e morte. Neste sentido, as situações de violência psicológica, assédio moral, depressões, suicídios no ambiente de trabalho, perda da capacidade de pensar e do sentido do trabalho, individualismo, fragmentação dos coletivos, patologias da solidão e do silêncio, são algumas das faces brutais do *admirável mundo novo das organizações*. Mundo formatado pelo pensamento único e soberano da racionalidade instrumental que habita as lógicas neoliberais, que ganha forma na ausência de limites para a concorrência, a flexibilização das organizações do trabalho e a exploração das trabalhadoras e trabalhadores.

O ensaio se dedica a uma consistente elaboração crítica sobre essas e outras adversidades, mas também sobre possibilidades e potências que se apresentam nas relações complexas entre o trabalhar e o viver contemporâneos. Como dirá Eduardo, é um ensaio com o qual busca “ampliar a compreensão sobre o trabalhar na contemporaneidade e apresentar derivas possíveis, de forma que repensar o trabalhar possa ser também um repensar a *pólis* e a democracia na contemporaneidade”.

A partir deste problema, vai se desenhando a trama conceitual que sustenta uma argumentação consistente, desenvolvida em um texto convidativo e bem articulado. Neste percurso, vamos nos encontrando com diversas e instigantes chaves analíticas do ensaio. Nas trilhas do pensamento de Dejours, por exemplo, uma destas chaves é a compreensão do trabalhar como experiência que se dá no descompasso entre o trabalho instituído (trabalho prescrito) e aquilo que escapa a estas determinações (real da atividade). Nesta potente zona de indeterminação e de experiência do real, as formas de sentir, pensar e agir estão em constante reconfiguração. É uma espécie de *não lugar*, no qual acontecem transformações contínuas das normatividades instituídas e das produções subjetivas dos sujeitos que trabalham. Entre as dimensões mais importantes que escapam às prescrições, estão os encontros com os outros, com os pares. Encontros que demandam a permanente reinvenção das normatividades e sensibilidades próprias de cada

sujeito e de cada coletivo de trabalho. E aqui nos encontramos com outra significativa chave analítica: compreender o trabalho não somente como produção, mas também e principalmente como *viver junto*. E, como dirá Eduardo, o *viver junto* “implica as dimensões epistemológica, ontológica e ética do trabalhar”.

Isto não é pouca coisa. Especialmente porque Eduardo não se limita a uma mera referência a estas dimensões. Mas se mostra capaz de explorar suas consequências na produção de conhecimento, na constituição dos modos de existência e nas referências que problematizam as formas de vida do trabalhar. Com este olhar, podemos ver que a experiência do real coloca em movimento os processos de criação, permite colocar em questão a pretensão constituinte e dogmática dos fundamentos científicos, econômicos, sociais, políticos que não tenham como referência principal a singularidade do desejo e de suas produções. Permite a produção de novas formas de sentir, pensar e agir que nos transformem em defensores dos direitos de existência singular, plural, coletiva, múltipla, verdadeiramente democrática. O ato de criação é forma de defender o mundo. Como nos disse o poeta beatnik Kenneth Rexroth: “contra a destruição do mundo, uma única defesa: o ato de criação”.

Com estes breves comentários, espero ter sinalizado para você, que agora acompanha estas linhas, as importantes contribuições do ensaio de Eduardo para um problema tão relevante e que demanda inúmeras discussões e ações de mobilização. Especialmente no momento das reformas trabalhistas recentemente realizadas no Brasil, que são uma das faces mais evidentes da destruição de marcos do direito, arduamente construídos ao longo de lutas de muitos anos. São manifestações evidentes das lógicas neoliberais de flexibilização que resultam em despossessão de direitos e em vidas precarizadas sem precedentes.

Ao concluir a leitura de *Sobre o Trabalho Contemporâneo: Diálogos entre a Psicanálise e a Psicodinâmica do Trabalho*, ampliamos nossa compreensão sobre as relações entre trabalhar e viver. Relações que precisam ser enfrentadas de modo mais sério, tendo em vista as graves e extensas consequências da precarização para a saúde das trabalhadoras e dos trabalhadores e para o campo social de modo mais amplo. Ampliamos também nossa compreensão de que este é um tema fundamental de pesquisa que, por sua própria natureza, não pode ser separada da constituição da vida.

Não são estes imperativos éticos e políticos da maior magnitude? Não são estas questões que nos convocam a agir, na medida em que nos percebemos sujeitos ético-políticos? Que nos convocam a lutar pela afirmação da vida digna no mundo do trabalho e também no espaço social? Não são estas questões que

nos convidam para permanentes movimentos de abertura, para as possibilidades e derivas dos acontecimentos que, por sua vez, liberam e redistribuem as potências da vida. Há algo mais urgente a fazer? Não será esta uma das formas mais intensas de nos sentirmos realmente vivos? Não será esta uma das coisas mais importantes do mundo?

Ao concluir a leitura do belo ensaio de Eduardo, é inevitável identificar ressonâncias luminosas também com o livro *Sobrevivência dos vaga-lumes*, de Didi-Huberman: “Não se pode dizer que a experiência, seja qual for o momento da história, tenha sido destruída. Ao contrário, faz-se necessário – e pouca importa a potência do reino e de sua glória, pouca importa a eficácia universal da “sociedade do espetáculo” – afirmar que a experiência é indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos da noite”.

João Batista Ferreira
Rio de Janeiro, dezembro de 2018

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: PROLEGÔMENOS EPISTEMOLÓGICOS – DA CAUSALIDADE, DA POSIÇÃO ÉTICA E DA METODOLOGIA.....	19
1.1 UMA CAUSA... UMA QUESTÃO	19
1.2 EPISTEMOLOGIAS (?) E PSICANÁLISE.....	37
1.3 EPISTEMOLOGIA E TÉCNICAS DE GESTÃO – BREVE COMENTÁRIO	55
2. FREUD E O TRABALHO: UMA RELEITURA DA OBRA SOCIAL FREUDIANA À LUZ DO TRABALHO	79
2.1 TOTEM E TABU – SERIA O MERCADO O NOVO PAI?	91
2.2 A PSICOLOGIA DOS GRUPOS FREUDIANA E A PSICODINÂMICA DO TRABALHO	101
2.2.1 A PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO: ALGUMAS REFLEXÕES	118
2.3 O MAL-ESTAR NA CULTURA: TRABALHO E SUBLIMAÇÃO.....	121
2.3.1 SUBLIMAÇÃO, TRABALHO E RECONHECIMENTO SOCIAL	138
2.3.1.1 BREVE DESCRIÇÃO DO CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO NA OBRA DE FREUD.....	138
2.3.1.2 A SUBLIMAÇÃO NA TERCEIRA TÓPICA PROPOSTA POR CHRISTOPHE DEJOURS	149
2.4 MOISÉS E O MONOTEÍSMO: EXISTE LUGAR PARA A VERDADE HISTÓRICA NAS ORGANIZAÇÕES?	160
3. A PSICODINÂMICA DO TRABALHO: PULSÃO E TRABALHO.....	171
3.1 A LOUCURA DO TRABALHO: AS ORIGENS DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	171
3.2 AS ESTRATÉGIAS DEFENSIVAS	179

3.2.1	OS MECANISMOS DE DEFESA EM FREUD: BREVES CONSIDERAÇÕES	179
3.2.2	OS SISTEMAS DEFENSIVOS NA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	184
3.3	O ADDENDUM DE 1993.....	203
3.4	AXEL HONNETH E A GRAMÁTICA MORAL DOS CONFLITOS SOCIAIS	209
3.5	AS TEORIAS DO FATOR HUMANO.....	244
3.6	A BANALIZAÇÃO DA INJUSTIÇA SOCIAL: O REAL DO TRABALHO NEGADO	266
3.7	POR UM TRABALHO QUE FAÇA SENTIDO.....	286
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE TRABALHO E DEMOCRACIA	309
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	323